

IVETE DO RIO SÃO FRANCISCO AO RIO DE JANEIRO: PERTENCIMENTO E PROJEÇÕES IDENTITÁRIAS NA COMISSÃO DE FRENTE DA ESCOLA DE SAMBA "GRANDE RIO 2017"

IVETE FROM RIO SÃO FRANCISCO TO RIO DE JANEIRO: IDENTITIES AND IDENTITY PROJECTIONS AT THE FRONT COMMISSION OF THE SAMBA SCHOOL "GREAT RIO 2017"

*Tiago José Freitas BATISTA¹
Nair Ferreira Gurgel do AMARAL²*

Resumo: este artigo apresenta e classifica um entrelaçamento linguístico entre discursividade, identidade e pertencimento na comissão de frente da Escola de Samba "Acadêmicos do Grande Rio", no Carnaval de 2017, que prestou homenagem à cantora baiana Ivete Sangalo. Abordaremos, através do imagético artístico da comissão, os componentes visuais: cenários, fantasias, artístico e cena poética que possibilitam um diálogo discursivo do samba-enredo, composição teatro-cenográfica dos membros que enaltecem uma inscrição identitária da mulher sertaneja da beira do rio que é consagrada aos palcos do mundo. Para tal análise, serão explorados os discursos produzidos em todos os elementos rítmicos e artísticos configurados durante a execução coreográfica dos sujeitos componentes. As investigações dos fenômenos apontam uma relação afinada, de modo sublime e operante como uma das multilinguagens que o Carnaval pode oferecer.

1 Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia. e-mail: tiagofreitas.professor@gmail.com

2 Docente da UNIR – Universidade Federal de Rondônia. e-mail: nairgurgel@uol.com.br

Palavras-chave: discursividade; identidade; comissão de frente; carnaval; Ivete Sangalo.

Abstract: this article presents and classifies a linguistic interlacing between the discursiveness, identity and belonging in the front commission of the Samba School "Acadêmicos do Grande Rio", in the Carnival of 2017, that paid homage to the Bahia singer Ivete Sangalo. Of the commission, the visual components: scenarios, fantasies, artistic and poetic scene that make possible a discursive dialogue of the samba-enredo, composition theater-scene of the members that extols an identity inscription of the sertaneja woman of the river's edge that is consecrated to the stages of the world. In this analysis, the discourses produced in all the rhythmic and artistic elements configured during the choreographic execution of the component subjects will be explored, and the investigations of the phenomena point to a sublime and operative relationship, one of the multilingualities that Carnival can offer.

Keywords: discursivity; identity; front commission; carnival; Ivete Sangalo.

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar e classificar um entrelaçamento linguístico entre discursividade, identidade e pertencimento na comissão de frente da Escola de Samba "Acadêmicos do Grande Rio", no Carnaval de 2017, que prestou homenagem à cantora baiana Ivete Sangalo. Analisamos os sujeitos componentes da Comissão de Frente, através da coreografia e indumentárias e analisamos, também, os componentes que possibilitaram uma discursividade alinhada com o viés de identidade e pertencimento do lugar da cantora, sua cidade da infância, Juazeiro, na Bahia, além de trazer uma metamorfose discursiva: de sertaneja da beira do rio aos palcos do mundo, consagrada como cantora de sucesso internacional. O aporte teórico que sustenta nosso artigo está fundamentado centralmente nos estudos de Virilio (1977) e Bauman (2005), com outros elementos teóricos de apoio.

A relevância do tema se dá em função da divulgação de trabalhos que abordem a questão do Carnaval no campo da Narratologia e da Análise do Discurso. Ainda é muito tímida a pesquisa nessa área do conhecimento, e entendemos que interessam, principalmente, aos estudiosos da área de Letras, análises que abordem a relação da linguagem verbal com a imagética, visual e dromológica.



Dromologia Carnavalesca

Nas pegadas deixadas pelo tempo, que revelam períodos históricos percorridos pela humanidade, apresentamos as correlações temporais de significação que respondem como o Carnaval chegou à sua era Dromológica, ou seja, o Carnaval do Espetáculo apresentado pelas Escolas de Samba.

Na diacronia do Carnaval, detectamos como se constituiu a festa. Na Antiguidade, foi com as festas agrárias que se registraram os primeiros elementos a serem depreendidos como carnaval. A festa de Carnaval adentrou o período da Idade Média considerada pela igreja católica como uma festa pagã, mas passou a ser inserida no calendário cristão pela grande adesão popular. Durante a Idade Moderna, o Carnaval foi considerado como a festa dos loucos na arte renascentista. Já o Carnaval contemporâneo, conhecido como o carnaval do espetáculo, afilia-se ao que designamos “Carnaval Dromológico”.

Dromologia, etimologicamente, é proveniente do vocábulo grego “*dromos*”; é um conceito desenvolvido por Virilio (1977), que, na língua portuguesa, ganha a significação de corrida dos processos tecnológicos, demandada pela contemporaneidade. Dromologia é, dessa forma, uma ciência que analisa os efeitos da velocidade na sociedade, sobretudo no meio cultural e social, produzidos pela inserção das tecnologias na arquitetura, no audiovisual e nos transportes. A dromologia provoca diferentes alterações na estrutura do acontecimento, tanto para benefícios quanto para malefícios. Porém, a abordagem que trazemos sobre a sua ocorrência no Carnaval das Escolas de Samba muito contribuiu para o que hoje conhecemos como espetáculo, no formato de corrida ou paradas de desfiles.

Segundo Virilio, (1977, p. 121) a aceleração contemporânea “impõe novos ritmos aos deslocamentos das coisas”. Para o referido autor:

A aceleração contemporânea tem de ser vista como um momento coerente da história. Para entendê-la, é necessário e urgente reconstruir, no espírito, os elementos que formam a nossa época e a distinguem de outras. A revolução industrial, o capitalismo e a tecnologia da informação, devido à sua velocidade e ao seu alcance, criaram uma civilização mundial. A revolução é o movimento, mas o movimento não é uma revolução. (VIRILIO, 1977, p. 177).

A partir do final dos anos 80, as escolas de samba passaram por um processo dromológico, ou seja, receberam intervenção tecnológica em suas alegorias, fantasias e adereços. Apresentamos, a seguir, um quadro que melhor demonstra a intervenção da Dromologia no Carnaval:



Quadro 1: itens do Carnaval antes e depois da Dromologia

ITEM	ANTES DA DROMOLOGIA	NA CONTEMPORANEIDADE
Alegorias	Carros sem movimentos de esculturas, sem iluminação adequada.	Carros com elementos em movimento, esculturas gigantescas e inúmeros pontos de iluminação e painéis de Leds.
Comissão de Frente	Comissões de frente tradicionais, com componentes em saudação sem elementos teatrais e indumentárias simples.	Integrantes com indumentárias estilizadas, com coreografia marcada e elementos teatrais, gestuais no padrão de shows.
Adereços e Fantasias	Fantasias feitas de animais, geralmente de faisões, pavões e avestruz.	Fantasias feitas também de elementos sintéticos e sustentáveis, possibilitando o reaproveitamento para outros desfiles.
Construção do Texto Mestre	Elaboração do texto mestre com base somente em leitura de livros, sem a possibilidade de verificar imagens atuais de elementos possíveis para inserção na narrativa do enredo.	Possibilidade de pesquisa em sites eletrônicos, com a realização de captação de fotos, imagens que concedem originalidade e fidelidade ao elemento alegórico a ser construído (se essa for a vontade do Carnavalesco)

Fonte: Tabela organizada pelos autores do artigo

Por essa razão, a dromologia trouxe a inserção de inúmeras linguagens (rítmica, plástica e linguística) que abordaremos no próximo tópico como, por exemplo, as comissões de frente que perpassam por esse fenômeno.:

Função carnavalesca da comissão de frente

A palavra “comissão” pressupõe um “conjunto de indivíduos encarregados de ocupar-se de determinado assunto”. Já a palavra “frente”, para Houaiss & Villar (2009:



929), é entendida como “vanguarda, fileira, linha avançada de um exército, [...] onde se trava uma batalha, parte anterior de qualquer coisa [...]”. Na escola de samba, a Comissão de Frente consiste em um aglomerado de componentes que podem se apresentar a pé ou sobre rodas, trajando fantasias dentro da proposta de enredo ou de forma tradicional que coreografados, saúdam o público presente e os jurados que devem avaliar. Segundo o manual do julgador da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro:

A função de impactar positivamente o público, no momento da apresentação da Escola; 2. A indumentária da Comissão de Frente, levando-se em conta, neste caso, sua adequação para o tipo de apresentação proposta. 3. O cumprimento da função de saudar o público e apresentar a Escola, sendo obrigatória a exibição em frente às cabines de julgamento deste Quesito, mesmo que em movimento; 4. A coordenação, o sincronismo e a criatividade de sua exibição, podendo evoluir da maneira que desejar. Penalizar: 5. A queda e/ou perda, mesmo que acidental, de parte da indumentária, como, por exemplo, sapatos, esplendores, chapéus e etc. (LIESA, 2016:45).

A forma tradicional a que se refere o manual dos jurados foi a maneira adotada no passado para apresentar os componentes dos antigos carnavais nos tempos dos ranchos e cordões. Ferreira (2004 p. 33) afirma que a comissão de frente era um “conjunto integrado por jovens cavaleiros bem trajados, que além da função de abrir o caminho para a passagem das carruagens e dos foliões mascarados, adotaram o gesto de saudar o grande público presente ao cortejo, já com o nome de comissão de frente”. Foi a partir de 1938 que, segundo Araújo (2000: 158), a comissão de frente passou a integrar o regulamento oficial dos desfiles:

A partir de 1938, a comissão de frente passou a integrar o regulamento oficial dos desfiles, valendo-se os artifícios usados pela Vizinha Faladeira. Antigamente, a comissão de frente era formada por figuras representativas das escolas de samba, membros da diretoria, benfeitores da agremiação, sambistas mais idosos ou pessoas de prestígio na comunidade, desfilando a pé. O grupo apresentava a escola ao júri, ao povo e às autoridades, enquanto recebia aplausos da multidão. (ARAÚJO, 2000: 158).

No carnaval contemporâneo, a Comissão de Frente entra em desuso e não opera mais nos desfiles, cabendo, atualmente, à ala da velha guarda assumir as funções realizadas pelas antigas comitivas de frente que apresentavam ao público as personalidades mais idosas da agremiação. Segundo Manzini (2008: 47):

A ala que hoje chamamos de Velha Guarda da agremiação, apresentavam na avenida o trabalho que desenvolviam junto a suas comunidades, enfatizando a continuidade e preservação do e no samba. Aproximadamente, desde os anos 80, a Comissão de Frente passou a apresentar um espetáculo à parte dentro do próprio espetáculo, no desfile das escolas de samba, quando a tradição cedeu lugar à criação, e os integrantes da ala passaram a representar a parte inicial do enredo de suas agremiações. (MANZINI, 2008, p. 47)



Ainda em continuidade com os estudos do autor, as adaptações promovidas pelas pegadas do tempo concederam espaço aos espetáculos que hoje são predominantes nas comissões de frente das escolas de samba. De acordo com Manzini (2008: 48) “tal alteração fez aparecer no universo do carnaval à figura do profissional de artes cênicas, ou em alguns casos, do diretor teatral. Essa mutação, da tradição à criação, fez com que a Comissão de Frente abandonasse a função de somente apontar o desfile (apresentar) e abarcasse a comunicação de um tema (representar)”. Reporto-me aos estudos de Vegini (2015) para comparar as transformações nas comissões de frente como “uma sucessão de adaptações” proporcionadas pela dromologia carnavalesca da contemporaneidade, mas que manteve em sua função *mater* a ação principal de saudar o público e pedir passagem para apresentar a escola.

O impacto positivo que deve ser causado pela comissão de frente, tanto no público em geral, quanto nos jurados, representa uma característica identitária com o enredo da escola de samba, fazendo com que seus componentes deixem marcas da sua identidade com a temática escolhida. E tudo isso pode ser observado nos itens: indumentária, saudação, evolução, sincronismo e criatividade na exibição. Qualquer deslize pode ocasionar a perda de pontos, mesmo que seja casual como a queda de um componente, a quebra de uma peça da indumentária – sapatos, chapéus, esplendores e outros.

A seguir, duas figuras que revelam essa diferença temporal nas comissões de frente do carnaval brasileiro.

Figura 1: foto da comissão de frente antiga



Fonte: Disponível em: <http://cjcarnaval.blogspot.com.br>

Figura 2 – foto da comissão de frente atual



Fonte: Disponível em: <http://fotografia.folha.uol.com.br>



Nas duas imagens acima, percebe-se esse cuidado com a indumentária, sendo uma mais baseada na tradição e outra que agrega elementos modernos, vestimentas sintéticas e industrializadas com muita tecnologia, ritmos híbridos de dança que misturam carnaval e religiosidade, além de caracterização da santa em etnia negra.

Identidade e Pertencimento

Zygmunt Bauman (2005) aponta que “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta”. Na obra *Identidade*, o autor discute questões ligadas à modernidade que ele chama de “líquida”. Os termos como comunidade, pertencimento, identidade e outros são abordados por não serem tão estáveis quanto possam parecer. Nossas “identidades” culturais, religiosas, sociais e outras mais que podemos ter, são constantemente modificadas, renovadas, transformadas no líquido da modernidade em que estamos imersos.

Poucas pessoas estão expostas a apenas uma comunidade de ideias e princípios de cada vez, somos sobrecarregados de identidades e elas flutuam no ar porque, algumas são de nossa própria escolha, mas outras, geralmente, são lançadas pelas pessoas a nossa volta (BAUMAN, 2005).

É interessante notar que há aqueles que modificam sua identidade de acordo com a própria vontade, segundo Cascapera (2007, p. 195), “escolhendo-as diante de amplas possibilidades, contrariamente àqueles que não têm direito a se manifestar e se encontram oprimidos por identidades impostas pelos outros”. São identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão para abandonar. Por isso, estereotipam, estigmatizam etc.

É a esse fenômeno que nos referimos quando analisamos a dromologia carnavalesca. A “tradução” da tradição pode acontecer envolvendo aspectos de pertencimento e identidade por parte dos integrantes de uma escola de samba, assim como podem estigmatizar e/ou estereotipar culturas, comunidades, povos etc.

Para Gomes, o sentimento de identidade e de pertencimento, embora subjetivo, tem sempre um sentido:

a identidade é simultaneamente uma forma de relação social e uma forma de representação espacial que resulta em um certo tipo de territorialidade. Em



outros termos, essa identidade não é um dado irredutível da realidade, mas sim uma construção, que associa de maneira vital e orgânica os vínculos entre um grupo e seu território. Cada manifestação deste tipo de territorialidade tem, no entanto, seus interesses, suas propriedades e seu alcance definido em contextos que lhes são próprios. (GOMES, 2002: 119).

As relações de identidade e pertencimento ao lugar são desenvolvidas no processo de apropriação e territorialização do espaço. Isso se dá quando os sujeitos ultrapassam a necessidade da apropriação de um *locus*, ou seja, quando se desenvolvem, neste local, valores ligados aos seus sentimentos e à sua identidade cultural e simbólica, reformulando o espaço no qual vivem, ao qual se identificam e se sentem pertencer (RAFFESTIN, 1993).

O sentimento de pertencimento está ainda relacionado à aproximação, da ligação com o local. É uma ideia de enraizamento, em que o indivíduo constrói e é construído, planeja e se sente parte de um projeto, modifica e é por ele modificado (SILVA, 2013). Tal fato é perceptível na participação da homenageada Ivete Sangalo quando decide aparecer em diferentes momentos do desfile, demonstrando que vivenciou aquela narrativa, aquela história que mostra seu enraizamento com o local e desterritorialização necessária que metamorfoseia a protagonista de lavadeira a ícone da música popular.

Para reforçar o discurso acima, trazemos Castells (1999: 23) com a confirmação de que “a construção das identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”.

Logo, a construção da letra do samba enredo e sua evolução na passarela do samba não ignoram a matéria prima preciosa da historicidade e geograficidade que permearam a memória coletiva que envolveu a vida de Ivete Sangalo.

Análise e Discussão

Lembramos que o *corpus* analisado é constituído pela letra do samba enredo e pelos membros sujeitos humanos, juntamente com os elementos cenográficos da comissão de frente da Escola Grande Rio. Para melhor compreensão dos elementos constituintes da Comissão de Frente, elaboramos o quadro a seguir.

Quadro 2: elementos constituintes da Comissão de Frente

Elemento	Vida sertaneja	Consagração como cantora
Indumentária dos componentes	Senhoras lavadeiras e Senhores pescadores	Baianas e foliões do Carnaval
Tripé cenográfico	Casebre pobre da beira do rio	Casa com flores
Elemento cenográfico	Barquinhos de pescadores	Transformação em palco para exibição da cantora

Fonte: elaborado pelos autores do artigo.

A cantora Ivete Sangalo surpreendeu o público e os jurados ao aparecer na comissão de frente juntamente com o corpo do balé da agremiação, de forma coesa e coerente com a proposta da coreografia. A comissão de frente, com a homenageada, dividiu a encenação em três momentos: a) a vida pobre na beira do rio São Francisco; b) a fé e a religiosidade do homem ribeirinho; e c) a transformação da menina baiana do Juazeiro em cantora de sucesso internacional. No primeiro ato, Ivete Sangalo optou em participar como lavadeira do rio São Francisco, em que as senhoras estão com cestos de roupas sujas e os pescadores estão a pescar, isso ocorre por lembrar suas origens através da memória da infância na cidade de Juazeiro. Essa memória é detectada nos trechos do samba-enredo a seguir: *Menina baiana do Juazeiro, saudade mandou um cheiro, velho chico história fez lembrar*, que melhor se visualiza na imagem a seguir:

Figura 3: casinhas de palafitas, barquinhos de pescadores e senhoras lavadeiras da beira do rio São Francisco



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AOaVPF3T6tQ>

Destacamos, na letra do samba-enredo e na composição da comissão de frente, estes respectivos elementos, no Quadro 3.

Quadro 3: o ribeirinho do Rio São Francisco

Elemento Identitário	Aparecimento no Samba	Aparecimento na Comissão de Frente
Ribeirinho	<i>Menina baiana do Juazeiro, saudade mandou um cheiro, velho chico história fez lembrar.</i>	Senhoras lavadeiras com bacias com roupas por lavar, barquinhos na beira do rio e casa de ribeirinho.

Fonte: elaborado pelos autores do artigo

O Rio São Francisco, a que se refere a letra do samba enredo, nasce na Serra da Canastra (MG), na Chapada da Zagaia, no município de São Roque de Minas, na região Sudeste do Estado. Percorre 2.700 km desde as suas nascentes até sua foz, na divisa de Sergipe e Alagoas, onde apenas 1.520 km são navegáveis. Ao longo desse percurso, o rio banha cinco estados brasileiros: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. Sua bacia que abrange 640 mil km² (7,5% do território nacional) alcança também o Estado de Goiás e o Distrito Federal. É a terceira maior bacia hidrográfica do Brasil e a única totalmente brasileira (BRASIL, 2004; FILHO, 2005; BAHIA, 2006).

Na comissão de frente, os pescadores traçam danças com redes e, em um dado momento, todos se enfileiram para saudar Nossa Senhora em oração, representando a fé dos sertanejos que recorrem à santa para trazer a chuva em meio ao calor que não concede trégua. Esse elemento identitário religioso aparece no trecho do samba-enredo *Nossa Senhora sempre a me guiar, sol inclemente terra seca era o sertão* e pode ser melhor visualizado na imagem a seguir:

Figura 4: fé do sertanejo



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5upoBL7HkAw>

Destacamos na letra do samba-enredo e pela composição da comissão de frente esses respectivos elementos, no Quadro 4:

Quadro 4: a fé do homem sertanejo

Elemento Identitário	Aparecimento no Samba	Aparecimento na Comissão de Frente
Religiosidade	<i>Nossa Senhora sempre a me guiar, sol inclemente terra seca era o sertão.</i>	Homens pescadores e senhoras lavadeiras, clamam à Nossa Senhora que traga chuva para a colheita, em meio ao sertão.

Fonte: elaborado pelos autores do artigo..

A seca, nas palavras de Cândido da Costa e Silva (1988), deixa esses homens e mulheres sertanejos em uma situação de insegurança. A falta de assistência os direciona às divindades protetoras que “atenciosas” aos problemas de seus devotos, fazem o que o estado deixa de fazer e oferecem saúde, trabalho e a possibilidades de dias mais abastados.

Por ser uma constante na fisiografia do Nordeste, a seca foi fator de agravamento agudo da pobreza e da fome, cujas causas estão enraizadas na estrutura socioeconômica, na ausência de força do nordeste para decisões políticas, e menos na ecologia, alibi adequado para justificar a perpetuidade de uma situação crônica de injustiça e exploração opressiva (SILVA, 1988: 58).

No último ato da comissão de frente, há o aparecimento de uma metamorfose, ou seja, Ivete Sangalo é finalmente alçada no enredo como artista, suas roupas se transformam em vestimenta de show, com elementos identitários da Bahia, principalmente com fitas do Nosso Senhor do Bonfim. Os barquinhos dos pescadores se transformam em um grande palco com o símbolo da Grande Rio, as lavadeiras se transformam em baianas e os senhores pescadores se transformam em brincantes fantasiados de Carnaval, conforme a imagem a seguir.

Figura 5: metamorfose: os palcos da cantora internacional



Fonte: disponível em: http://www.purepeople.com.br/midia/ivete-sangalo-iniciou-o-desfile-da-grand_m1955444

Toda essa transformação de menina pobre em cantora de sucesso aparece na letra do samba relacionada a seguir: *Com a Eva encantei toda cidade, no trio arrastei as multidões, canto a minha verdade, africanidade, mistura de emoções, meu timbal virou sucesso internacional, nos palcos do mundo o estrelado a consagração*. Destacamos na letra do samba-enredo e pela composição da comissão de frente esses respectivos elementos.

Quadro 5: a consagração de Ivete Sangalo

Elemento Identitário	Aparecimento no Samba	Aparecimento na Comissão de Frente
Ivete Sangalo – A Identidade Baiana para o Brasil e o mundo	<i>Com a Eva encantei toda cidade, no trio arrastei as multidões, canto a minha verdade, africanidade, mistura de emoções, meu timbal virou sucesso internacional, nos palcos do mundo o estrelado a consagração</i>	Os elementos cenográficos, barquinhos, transformam-se em um tablado, alçando a cantora para o grande público, que aparece já com figurino de show, com fitinhas do Nosso Senhor do Bonfim.

Fonte: elaborado pelos autores do artigo.

Os barquinhos da cenografia da Comissão de Frente apresentam cada um, títulos musicais de grandes sucessos da homenageada como “Arerê” e “Sorte grande”. Esses itens, quando transformados em palco, formam o logotipo da Grande Rio, possibilitando aos expectadores, a sensação de pertencimento, ou seja, a cantora assume que abraçou a comunidade de Duque de Caxias e declara que esse local, sede da Escola de Samba Carioca, é o seu lugar no Rio de Janeiro. É o que aponta Dozena (2010: 113), mencionando que ser “da Unidos do Peruche”, “da Pérola Negra”, “da Nenê da Vila Matilde” ou “da Vai-Vai” expressa, para a maioria das pessoas, um forte sentimento de pertencimento à escola de samba e ao lugar.

Tal sentimento de pertença é, na verdade, a crença em uma origem comum que une distintos indivíduos, no caso, todos de uma determinada Escola de Samba sentem-se, subjetivamente, incluídos. Os sujeitos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual os símbolos expressam os valores.

Para Gomes (2002: 119), o sentimento de identidade e de pertencimento, embora subjetivo, tem sempre um sentido:

A identidade é simultaneamente uma forma de relação social e uma forma de representação espacial que resulta em um certo tipo de territorialidade. Em outros termos, essa identidade não é um dado irredutível da realidade, mas sim uma construção, que associa de maneira vital e orgânica os vínculos entre um grupo e

seu território. Cada manifestação deste tipo de territorialidade tem, no entanto, seus interesses, suas propriedades e seu alcance definido em contextos que lhes são próprios. (GOMES, 2002: 119).

A territorialidade a que se refere Gomes (2002) é uma marca identitária momentânea, demarcada pelos vínculos que unem determinados grupos.

Considerações finais

O carnaval, festa tradicional do Brasil, registra-se como uma grande ópera aberta, em que um desfile da Escola de Samba representa um processo catártico, isso é, uma purificação, uma limpeza que vem com o grande baile.

Buscamos, por meio de nosso objetivo principal, apresentar o entrelaçamento entre a discursividade, a identidade e o pertencimento na comissão de frente da Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio que, no carnaval de 2017, prestou homenagem a cantora baiana Ivete Sangalo.

Analisando a Comissão de Frente em um desfile de Carnaval, percebemos sua divisão em três atos discursivos, a saber: a) a vida de pobreza às margens do rio São Francisco; b) a fé e a religiosidade do homem ribeirinho; e c) a transformação da menina baiana do Juazeiro em cantora de sucesso internacional.

Levantamos, também, o entrelaçamento do samba enredo (elemento discursivo) com os componentes do teatro cenográfico (sujeitos) em uma determinada cena enunciativa (o sambódromo) que revelou marcas identitárias e sentimento de pertencimento nos componentes da escola, principalmente no último ato, quando a mulher sertaneja da beira do rio que é consagrada aos palcos do mundo.

Concluimos, então, que o Carnaval oferece uma gama de elementos para análises, pois se constitui em uma fonte de *multilinguagens* a serem exploradas.

Sendo o Carnaval conhecido como patrimônio do povo, reforça-se, também, a presença dos discursos identitários e do sentimento de pertença, assim como a tese aristotélica de que o teatro tinha a capacidade de libertação para o ser humano, pois quando via as paixões representadas, conseguia se libertar delas. Uma purgação provocada no público por meio das emoções transmitidas durante o desfile.

Referências

- ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de história*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BAHIA. *Bacias Hidrográficas*. Edição Atualizada. Salvador: SRH, 2006.
- BRASIL, V. M. *Escultura popular do médio São Francisco - As carrancas no cotidiano ribeirinho*. Revista *Múltipla*, Brasília, 9(17): 75-84, dezembro 2004.
- CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - O Poder da Identidade*. Vol.II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASCAPERA, Claudia de Mendonça. *Identidade*. Resenha in Revista ACOAL-FAPlp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.mocambras.org>> e ou <<http://www.acoalfaplp.org>>. Publicado em: setembro 2007.
- DOZENA, Alessandro. *As territorialidades do samba na cidade de São Paulo*. Tese Doutorado em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010
- FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004
- FILHO, J. V. C. *A Dinâmica, Política, Econômica e Social do Rio São Francisco e do seu Vale*. Revista do Departamento de Geografia, 17 (2005) 83-93.
- GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LIESA. Manual oficial do Julgador. Carnaval 2016 - Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://liesa.globo.com/material/carnaval16/julgador/Manual%20do%20Julgador%20-%20Carnaval%202016.pdf>> Acesso em 30 de novembro de 2016.
- MANZINI, Yaskara. *Comissão de Frente*. São Paulo, 2008. Disponível em www.carnavalpaulista.com Acesso em 25 de nov. 2016
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. França. São Paulo: Ática, 1993.
- SILVA, Cândido da Costa. *Uma Leitura missionária da seca nordestina*. A Igreja e o controle social nos sertões nordestinos. São Paulo: Paulinas, 1988



SILVA, Michele. **Identidade, pertencimento e sociabilidade no espaço urbano: observações sobre a percepção dos usuários do bairro cidade baixa em Porto Alegre.** UFGRS. Iluminuas, 2013.

VEGINI, Valdir. et al. **O monstruoso Mapinguari pan-amazônico. Uma sucessão de adaptações aloindígenas.** 1. ed. Porto Velho: Temática, 2015. v. 1. 159 p.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e Política.** São Paulo: Estação da Liberdade, 1977.

